

## **Violência contra a mulher: uma análise das capas do Jornal Extra<sup>1</sup>**

Sandra Sueli Garcia de Sousa<sup>2</sup>

Carolina Vitorino dos Santos<sup>3</sup>

Danielle Stephanie Pereira dos Santos<sup>4</sup>

Edmilson Gomes da Silva<sup>5</sup>

Evelyn de Souza Santos<sup>6</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

### **RESUMO**

Este resumo expandido analisa as capas do Jornal Extra sobre violência contra a mulher, publicadas entre novembro de 2023 e outubro de 2024, utilizando a análise de conteúdo. A pesquisa evidencia que, apesar do aumento alarmante das taxas de feminicídio no Brasil, a cobertura do Jornal Extra carece de responsabilidade e profundidade, reforçando a necessidade de um jornalismo que contribua efetivamente para o enfrentamento da violência de gênero. Para este estudo, utilizamos as obras de Nelsi Welter e Rafaela Ortiz (2023), Maria Stela Porto (2009) e Danilo Angrimani (1995).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Violência; mulher; Jornal Extra.

### **INTRODUÇÃO**

Os crescentes e elevados números de violência contra a mulher sinalizam que as estruturas patriarcais ainda são latentes na sociedade brasileira. A Lei Maria da Penha, responsável por criminalizar todos os casos de violência contra a mulher no Brasil, foi criada em 2006, e define violência contra a mulher como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

Vale abordar que o conceito de patriarcado nasceu concomitantemente à instituição familiar. Na Roma Antiga, o homem era o centro de sua família e exercia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas Jornalísticas Contemporâneas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Docente do curso de Jornalismo da UFRRJ - sandragarc@ufrj.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFRRJ, email: carol\_vitorinods@ufrj.br

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, 3º semestre do curso de Jornalismo da UFRRJ, email: danielle.stephanie@ufrj.br

<sup>5</sup> Estudante de Graduação, 3º semestre do curso de Jornalismo da UFRRJ, email: edmilsonsilvagomes464@gmail.com

<sup>6</sup> Estudante de Graduação, 3º semestre do curso de Jornalismo da UFRRJ, email: evelyndesouza2210@icloud.com

poder sobre a mulher, os filhos, os escravos e vassallos (Engels, 1884/1964; Xavier, 1998 **apud** Narvaz, Koller, 2006). Carole Pateman, socióloga britânica, analisa que o patriarcado se mantém vigente na sociedade, através de um modelo “fraternal”: os homens se enxergam enquanto semelhantes e mantêm sua dominação sobre as mulheres. A autora argumenta que, hoje, o homem não precisa mais ser o “chefe da família”, porque as estruturas sociais - públicas e privadas -, controladas por eles, se encarregam de colocar a mulher em posição de inferioridade (Welter; Ortiz, 2023, pp. 170-173).

O jornalismo desempenha um papel fundamental na percepção pública sobre o crime. A forma como o tema é abordado nos meios de comunicação nem sempre reflete a real complexidade do problema, afinal, por trás de cada estatística, há um direito humano sendo violado.

O jornalismo popular é moldado para o público consumidor, que tende a ser de pessoas com baixa escolaridade, inusual hábito de leitura e pouco poder aquisitivo. Assim sendo, muitas vezes a credibilidade é deixada de lado e o jornal destaca notícias ligadas ao mundo televisivo e às fofocas das celebridades. A inoperância governamental também é assunto desses jornais, uma vez que afeta diretamente a vida de seus leitores da classe C e D (Franz, 2006, pp. 2-3).

O Jornal Extra foi fundado há 26 anos, em 1988, pela Infoglobo (O Globo). Em 2008, o Extra ganhou uma versão online, (Extra Online) e os dois veículos juntos alcançam mais de um milhão de leitores. O Jornal é formado por três cadernos de interesse do público, com temas como economia, cultura, lazer e emprego. Quanto ao público alvo do jornal, em sua maioria são mulheres, contabilizando 57% dos leitores, e 43% são homens. Ambos na faixa-etária de 30 a 50 anos, pertencentes, principalmente, à classe C, totalizando 58% de seus espectadores. O Extra, que possui o slogan: “A informação que você escolheu”, escolheu por negligenciar, entre os anos de 2023 e 2024, o *recorde* das taxas de violência de gênero no Brasil.

## **METODOLOGIA**

A análise de conteúdo é um método de pesquisa utilizado para analisar e interpretar mensagens. Na visão de Krippendorff (1990), esse método desempenha sua

função efetivamente porque confere três pontos principais: a fundamentação empírica e exploratória; destaque do convencional do conteúdo, “envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema”; e, a possibilidade do investigador “programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados” (p. 286). Para seguir os passos desta metodologia, foram feitas a coleta do material; a categorização dos dados e a interpretação crítica do objeto estudado.

Nesse resumo expandido, foram analisadas as capas do Jornal Extra no período de 12 meses, entre novembro de 2023 e outubro de 2024. A demarcação temporal para a análise permite uma revisão do período mais recente, que possibilita que a atual editoria do Jornal Extra se torne objeto de crítica. Foram analisadas 328 peças - todas disponíveis no site Ver Capas - das quais 76 noticiam acerca de violência contra a mulher.

Quanto ao conteúdo analisado, foram consideradas: a abordagem, a composição visual, a frequência das notícias, o seu destaque na capa, e um comparativo entre as outras notícias principais da capa. Quais informações são passadas para o público, se as principais informações divulgadas são as das vítimas ou dos agressores, quais são as imagens (se) expostas e quais os tipos de violência são mais noticiadas pelo Jornal.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Maria Stela Porto argumenta que nas sociedades contemporâneas, as mídias constituem “um dos principais produtores de representações sociais” (2009, p. 211). E que seus veículos criam e reforçam “crenças, valores e anseios distintos” (2009, p. 211). Dessa forma, Porto esclarece a influência que os jornais podem ter na construção de um ideal na sociedade. A cobertura jornalística da violência contra a mulher desempenha um papel fundamental para o enfrentamento do problema.

Ao analisarmos as capas do Jornal Extra entre novembro de 2023 e outubro de 2024, identificamos 30 casos noticiados de assassinato, 13 notícias de feminicídio, 8 de estupro e 25 agressões. Apesar de serem impactantes, os números não representam os casos reais de violência contra a mulher no Brasil. Segundo dados do LESFEM (Laboratório de Estudos de Feminicídios - UEL), em novembro de 2023 foram

registrados 322 casos de feminicídio no Brasil. E, até agosto de 2024, outros 1.178 casos foram consumados.

Ao considerar que o Jornal Extra é mais lido pelo público feminino, há um certo contraste nas notícias em evidência. A editoria de um jornal seleciona os temas que ficarão em destaque a partir do que é mais significativo para seu público. Um jornal mais lido por mulheres devia evidenciar a violência de gênero, assunto de interesse do seu público majoritário.

Durante o período de 12 meses, o Jornal Extra deu poucas capas com notícias relacionadas à violência contra a mulher. E, mesmo as que notificam, apresentam problemas em sua apresentação: matérias sem destaque, falta de informações e mais informações da vítima do que do agressor. A Lei Maria da Penha prevê cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. O Jornal Extra costuma noticiar feminicídio e agressões com maior frequência, fato que reforça a negligência da violência psicológica e moral.

Daniilo Angrimani cita Ciro Marcondes Filho para exemplificar como as informações são escolhidas para compor a editoria do jornal sensacionalista. (A imprensa sensacionalista) "presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público". (Marcondes Filho, 1986, **apud** Angrimani, 1995, p. 15).

### **Análise de notícias específicas:**

Em 11 de setembro, a capa estampava uma notícia que nos lembra o porquê do Jornal Extra ser considerado um jornal popular. No meio da capa “Felipe Prior é condenado por estupro”. Muito diferente das habituais notícias acerca de violência contra a mulher, essa recebeu destaque. Felipe Prior é um ex-participante do Big Brother Brasil e ganhou o gosto do público durante o reality. Por isso o destaque na matéria, que é completa, com título, foto e lead.

Seguindo a mesma lógica de devoção ao mundo das celebridades, em novembro de 2023, Ana Hickmann ficou em evidência. Ao denunciar ser vítima de violência doméstica, o Jornal Extra produziu cinco matérias para noticiar o acontecimento. Em forma de suíte - desdobramentos de uma situação -, o caso foi coberto por

sensacionalismo, que pouco informava. Todas essas notícias receberam destaque nas capas, apresentando fotos dela, título e lead.

A análise das notícias de pessoas anônimas evidencia a discrepância na abordagem do Jornal Extra. Em 30 de janeiro, a fisioterapeuta Adriana Freitas Barreto foi torturada por seis horas pelo ex-marido. A matéria ganhou um título sensacionalista e uma imagem apelativa, destacando hematomas da vítima, em vez de tratar o caso com a seriedade e o devido respeito. De forma semelhante, em 19 de março, Kaylane Vitória, que estava grávida, foi assassinada pelo namorado Kaique Sales Simões. Entretanto, a notícia não recebeu destaque, ficou no canto da capa, com um título impactante e informações mínimas.

Em 7 de novembro de 2023, a notícia de Lelly Gabriele Alves, baleada pelo ex-namorado enquanto gravava um vídeo, foi mais uma notícia de cobertura sensacionalista do Jornal Extra. Com um título apelativo, “Filmou a própria morte”, a pequena notícia no canto da primeira página, estampa uma foto da vítima sorrindo. Contudo, o agressor não teve nome ou foto expostos. O que reflete uma prática recorrente do Jornal Extra: priorizar informações sobre a vítima e poupar os agressores.

## CONCLUSÕES

Em conclusão, a análise das capas do Jornal Extra sobre a violência contra a mulher revela uma abordagem sensacionalista e, muitas vezes, reducionista. Ela apresenta limitações tanto no foco quanto na abordagem. Mesmo que a visibilidade da violência de gênero nos meios de comunicação seja fundamental para o enfrentamento dessa questão, é necessário que as abordagens jornalísticas se tornem mais responsáveis e contextuais. Um ponto crítico é a omissão recorrente dos agressores, que raramente são expostos nas reportagens. O Jornal deve buscar, não apenas expor àquela que foi agredida, abusada ou assassinada, mas também, e principalmente àquele que foi o causador da tragédia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. **Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Brasília, 6-9 set. 2006. Disponível em:

<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63557889706955819390718237293726753880.pdf>.  
Acesso em: 22 nov. 2024.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1995. 157 p. ISBN 8532304966.

**Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública. – 1** (2006)- . – São Paulo: FBSP, 2024. 404 p.: il.

BRASIL. **Ligue 180 recebeu 1.558 ligações por dia em 2023**. Disponível em:  
<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2024/fevereiro/ligue-180-recebeu-1-558-ligacoes-por-dia-em-2023>. Acesso em: 27 nov. 2024.

FONSECA JUNIOR, Wilson Correa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 280-304.

**MONITOR de Feminicídios no Brasil**. Disponível em:  
<https://sites.uel.br/lesfem/monitor-brasil/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 49-55, jan./abr. 2006.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Mídia, segurança pública e representações sociais**. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 21, n. 2, p. 211-233, 2009. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12599/14376>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SENADO FEDERAL. **A violência contra a mulher**. Disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/menu/entenda-a-violencia/a-violencia-contr-a-mulher>. Acesso em: 18 nov. 2024.

WELTER, N. K.; ORTIZ DE SALLES, R. CAROLE PATEMAN. **Eleuthería - Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS**, v. 8, n. 14, p. 158 - 178, 17 out. 2023.

WURDIG, K. K.; ROSO, A. R.; SOUZA, J. G. de. **Cultura do estupro, ideologia e mídia: construindo estereótipos da “vítima ideal”**. *Caderno Espaço Feminino*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 325–351, 2022. DOI: 10.14393/CEF-v35n1-2022-16. Disponível em:  
<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/67116>. Acesso em: 18 nov. 2024.